



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



v.5 - n.10 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

Artigo:

**PSICOPEDAGOGIA E A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO
PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Autora:

Janete Elisa de Matos Piva¹

¹ Pedagoga. Missionária Educadora/Igreja Batista Pioneira. Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia/IDEAU. Rua Major Candido Cony, 605 - Centro. CEP: 99900-000. Getúlio Vargas/RS. E-mail: janete.piva@yahoo.com.br.

PSICOPEDAGOGIA E A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESO ENSINO-APRENDIZAGEM

Integrar o que amamos com o que pensamos é trabalhar, de uma só vez, razão e sentimento; supõe elevar estes últimos à categoria de objetos de conhecimento, dando-lhe existência cognitiva, ampliando assim seu campo de ação.

(MORENO, 1998)

Resumo: Este artigo representa uma possibilidade de pensar a educação infantil como tempo e espaço, para proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa desenvolvendo uma educação integral. Objetiva salientar a importância da afetividade e da motivação no processo de ensinar e aprender, desenvolvido dentro de princípios psicopedagógicos. A justificativa deste estudo está centrada na necessidade de mostrar que a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. A metodologia caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica descrita. A educação deve desenvolver-se através do diálogo, do lúdico, das relações afetivas entre família, escola e sociedade. Nesse sentido, o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entende que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto é possível identificar e prever condições afetivas que facilitem a aprendizagem, sem desprezar os aspectos psicopedagógicos que também são essenciais no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Aprendizagem. Afetividade. Motivação.

Abstract: This article represent a possibility to think about the children's education which a time and space to propose the student a significant learning development a integral education. Objective to point the emotional's importance and the motivation in process to teach and to learn, developed in psychoeducational beginning. The justificative this study is focused in necessity to show that the extent emotional takes up the central place, as point of view the person's construction as the knowledge. The methodology characterize about a description biography research. However the education should development through of dialogue child's play, the emotional relations between family/school and society. This sense, the emotional is essential in activities to teach, understanding that relations between teaching and learning are motivated by wish and Love and that, therefor is possible to identify and predict emotional's conditions that facilitate leaning, without to despise psychoeducational that also they are essential to teaching/learning process.

Key word: Psychoeducational. Learning. Emotional's. Motivation.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação infantil, tema proposto neste estudo, com ênfase sobre a psicopedagogia e a influência da afetividade e motivação no processo ensino-aprendizagem, objetiva mostrar que o ato pedagógico se fundamenta pelas intervenções que o professor realiza, pelas condições que cria para que ocorram aprendizagens significativas.

O professor que atua nesse âmbito deve buscar constantemente estratégias de intervenção pedagógica para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças que se encontram na educação infantil e séries iniciais.

Para tanto, é necessário que os professores estejam preparados para atuar. O desafio que se impõe é aceitar que é a partir das dificuldades que se aprende a ser professor, ou seja, desempenhar com competência a profissão que escolheu.

É na relação professor/aluno que se realiza, de fato, o processo ensino-aprendizagem e o sucesso ou insucesso do trabalho pedagógico se deve, em grande parte, na qualidade dessa relação.

A construção do conhecimento deve se dar com a mediação do educador e a participação do aluno, da família, partindo da sua realidade e trabalhando com temas significativos para conhecer e entender o meio em que vive, buscando a aprendizagem de fatos, conceitos, procedimentos, atitudes e valores de forma contextualizada.

Justifica-se a escolha do tema e elaboração deste artigo por reconhecer a importância da psicopedagogia, afetividade e da motivação no contexto da educação institucional, também para ampliar o conhecimento e proporcionar a outros educadores a leitura do tema de forma sintética e clara.

A metodologia caracteriza-se por uma pesquisa bibliográfica descritiva.

2 ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS – EDUCAÇÃO INFANTIL

A psicopedagogia institucional é o trabalho dentro da escola, com a finalidade de ajudar crianças e adolescentes a resolverem seus problemas na vida escolar. Além de orientar a criança o psicopedagogo institucional poderá orientar os pais que passam por problemas familiares.

Os psicopedagogos são, portanto, profissionais preparados para a prevenção, diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem escolar.

A psicopedagogia se ocupa de um sujeito que aprende, assim como a psicanálise se ocupa de um sujeito que deseja e a epistemologia genética de um sujeito que conhece.

“O ponto moral de sua abordagem não se detém a inteligência, mas a articulação entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, numa relação com um e outro, que constitui o terreno onde o ensino-aprendizagem acontece” (FERNANDEZ, 1992, p.97).

A autonomia do pensamento, possível e necessária para que uma pessoa tenha contato com a faculdade humana mais apreciada que é a liberdade, constitui o objeto desta psicopedagogia. As situações nas quais um ser humano, dotado para conhecer e aprender

resigna esta possibilidade aprisionando sua inteligência, constitui o drama de onde emana esta nova disciplina que chamamos psicopedagogia.

Cavicchia em uma abordagem sobre o trabalho psicopedagógico tece algumas considerações sobre a configuração clínica assumida pela prática psicopedagógica, citando:

Este aspecto de trabalho psicopedagógico requer uma atitude de investigação e de intervenção, própria da abordagem clínica no tratamento das questões pedagógicas, pondo em destaque a importância do diagnóstico nessa tarefa. Do ponto de vista metodológico, a observação aparece como o instrumento principal de trabalho, complementada pelo domínio de referenciais teóricos apropriados à interpretação das situações e/ou fenômenos observados (1996, p.109).

Desse modo, a psicopedagogia implica, também, uma metodologia específica de trabalho. Essa metodologia precisa levar em conta, necessariamente, o contexto em que se desenvolve a ação pedagógica: família, escola, comunidade. No caso da instituição de educação infantil, é preciso levar em conta não apenas as características dos educadores e da própria instituição.

Na escola, devem-se favorecer experiências que complementem e enriqueçam o que as crianças possam ter fora da escola; pode-se conseguir isso ao fazer uma análise concreta da situação do contexto familiar e social das crianças em relação ao conteúdo e atividades propostas pelo professor.

Na educação infantil é importante, também, considerar os aspectos afetivos e relacionais que possibilitarão às crianças sentirem-se bem na escola, terem vontade de aprender e de participar das atividades propostas.

As relações entre a família e o centro educativo (escola) devem proporcionar aos pais e mães compreender, aceitar e valorizar o trabalho dos professores e equipe psicopedagógicas encarregadas da ação educativa.

É preciso ressaltar que o trabalho psicopedagógico realizado em instituições obriga o psicopedagogo a situar-se numa perspectiva interdisciplinar, para poder compreender os problemas que se apresentam. Nesse sentido Cavicchia salienta “outra dimensão significativa do trabalho psicopedagógico na instituição de educação e o seu caráter preventivo. Na perspectiva preventiva, pensar a escola à luz da psicopedagogia ‘implica nos debruçarmos sobre a formação do professor’ [...]” (1996, p.209).

A práxis pedagógica é entendida como o conhecimento dos processos de aprendizagem nos seus aspectos cognitivos, emocionais e corporais. Pressupõe, também, a

atuação tanto no processo normal do aprendizado como na percepção de dificuldades (diagnóstica) e na interferência no planejamento das instituições e no trabalho de re-educação.

Para Lucia Monteiro (2009) os psicopedagogos são profissionais preparados para atender crianças ou adolescentes com problemas de aprendizagem, atuando, como já foi citado, na sua prevenção, diagnóstico e tratamento clínico ou institucional. O psicopedagogo poderá atuar em escolas e empresas (psicopedagogia institucional) e na clínica (psicopedagogia clínica). Com a sua formação, procura-se compensar as lacunas detectadas na formação inicial, tanto dos psicólogos como dos pedagogos, com abordagem e aprofundamento de aspectos teóricos e práticos, específicos para a realização de tarefas tipicamente psicopedagógicas, tarefas essas que implicam o trato com uma gama de conflitos presentes no cotidiano escolar, na demanda clínica, nos programas sociais, nas políticas e outros. Nessa formação busca-se coletar e integrar as contribuições de diferentes campos do conhecimento, principalmente dos campos de conhecimentos psicológicos e educativos. Deste modo, a sua formação exige o domínio de conhecimentos e atribuições de diferentes âmbitos da Psicologia, das Ciências da Educação e outras, pois o contato com a pluralidade de cultura da vida cotidiana do professor possibilita diferentes trajetórias no trabalho desse profissional. O campo de trabalho do Psicopedagogo é caracterizado pelo processo de aprendizagem e de desenvolvimento das pessoas, como aprendem e se desenvolvem, as dificuldades, os problemas, como também, as intervenções educativas que devem ocorrer nessa relação pedagógica. Essa intervenção psicopedagógica é um mecanismo educativo que visa à articulação adequada das atividades escolares de ensino e de aprendizagem, às necessidades de formação integral e de desenvolvimento dos alunos.

A atuação do Psicopedagogo na instituição visa fortalecer a identidade, bem como o resgate das raízes dessa instituição, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está, sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequar essa escola às reais demandas da sociedade. Durante todo processo educativo, procura investir numa concepção de ensino aprendizagem que: a) fomente interações interpessoais; b) incentive os sujeitos da ação educativa a atuarem considerando integralmente a bagagem intelectual e moral; c) oriente e interaja com o corpo docente no sentido de desenvolver mais o raciocínio do aluno, ajudando-o a aprender, a pensar e a estabelecer relações entre os diversos conteúdos trabalhados; e d) reforce a parceria entre escola e família, entre outros.

Nesse sentido, o material didático adotado, após criteriosa análise, deve ser utilizado como orientador do trabalho do professor e nunca como único recurso de sua atuação docente.

Com certeza, se almejamos contribuir para a evolução de um mundo que melhore as condições de vida da maioria da humanidade, nossos alunos precisam ser capazes de olhar esse mundo real em que vivemos, interpretá-lo, decifrá-lo e nele ter condições de interferir com segurança e competência. Para tanto, juntamente com a equipe escolar, o pedagogo estará mobilizado na construção de um espaço concreto de ensino-aprendizado que proporcione um ambiente capaz de intensificar as capacidades cognitivas, sociais e esportivas que estão surgindo nas crianças.

Todo profissional que trabalha com crianças sente que é indispensável haver um espaço e tempo para as crianças brincar e assim melhor se comunicar e se revelar: o médico que cria jogos com objetos do consultório, o vendedor que provoca uma brincadeira com o comprador-mirim, o professor que possibilita situações lúdicas em sala de aula etc., são formas claras desta situação. No trabalho psicopedagógico, chega-se as mesmas conclusões, quer seja no diagnóstico, quer no tratamento. Emprega-se a palavra lúdico ao longo do texto no sentido do processo de “jogar”, “brincar”, “representar” e “dramatizar” como condutas semelhantes na vida infantil.

O acima descrito evidencia a importância do lúdico na educação infantil e nas séries iniciais, em outras palavras a importância do brincar e jogar.

Todas as crianças do mundo brincam e esta atividade é tão importante em sua existência que poderíamos afirmar que esta é a razão de ser da infância. Efetivamente o jogo é vital; condiciona o desenvolvimento harmonioso do corpo, da inteligência, da afetividade. Através dos jogos lê-se não apenas o presente da sociedade, mas também o passado dos povos, já que uma parte importante da bagagem cultural de cada grupo étnico reside em seu patrimônio lúdico, enriquecido pelas gerações sucessivas, mas ameaçada também de corrupção e extinção. A cada jogo está presente a questão cultural. São personagens, nomes, equipamentos, gestos, atitudes, valores, que são transmitidos a toda sociedade e, encontra-se, inclusive o abuso de discriminação quanto à profissão, povos ou raças.

Segundo Oliveira (1984) as crianças ensinam que uma das maiores qualidades do brinquedo é a sua não-seriedade. O brinquedo não é sério para as crianças, porque permite a elas fazer fluir sua fantasia, sua imaginação. Justamente, por não ser sério ele se torna importante. É a não seriedade que dá seriedade ao brinquedo. Brincar não é apenas uma forma de recreação. Chateau (1987) diz que o jogo é sério, tendo quase sempre regras rígidas, incluindo fadigas e às vezes levando a criança ao esgotamento.

O brinquedo é para a criança uma ponte para seu imaginário, um meio pelo qual pode externar suas emoções e criações. Brincando ela nega o empirismo comum nos adultos. Aquilo que é não é. Um carrinho não é apenas um carrinho. É tudo aquilo que sua imaginação quiser. A riqueza do brinquedo reside, então, em sua capacidade de instigar a imaginação infantil e não na capacidade de imitar gestos, informações ou atividades vinculadas na situação de brinquedos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que hoje, a imagem de infância é enriquecida, também, com auxílio de concepções psicológicas e pedagógicas, que reconhecem o papel de brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento infantil.

Moyles em análise sobre necessidades de aprendizagem do papel do professor considera o brincar como “um processo e modo que proporciona uma ética da aprendizagem em que as necessidades básicas de aprendizagem das crianças podem ser satisfeitas” (2002, p.36). Ainda, segundo a autora, essas necessidades incluem as oportunidades citadas a seguir, dentre outras: de praticar, escolher, preservar, imitar, imaginar, dominar, adquirir competências e confiança, adquirir novos conhecimentos, habilidades, pensamentos e entendimentos coerentes e lógicos, conhecer e valorizar a si mesmo e as próprias forças, entender as limitações pessoais, e de ser ativo dentro de um ambiente seguro que encoraje e consolide o desenvolvimento de novos valores sociais.

Como se pode observar, a educação infantil deve proporcionar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens devem ser orientadas de forma integrada e interdisciplinar que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relações interpessoais, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança e o acesso pela criança aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação baseada na afetividade, motivação e dentro de princípios pedagógicos corretos, poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação do conhecimento das potencialidades, corporeidades afetivas, emocionais, estéticas e éticas na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes, capazes de desenvolver atividades relativas ao corpo, à sensibilidade, à imaginação, como música, expressão corporal, poesia, desenho e trabalho manual.

2.1 MOTIVAÇÃO

A motivação continua sendo um complexo tema para a Psicologia e particularmente para as teorias de aprendizagem e ensino. Atribui-se à motivação tanto a facilidade quanto à

dificuldade de aprender. Atribui-se as condições motivadoras o sucesso ou o fracasso dos professores ao tentar ensinar algo a seus alunos. E, apesar de dificilmente detectarmos o motivo que subjaz a algum tipo de comportamento, sabemos que sempre há algum (BOCK; FUTADO; TEIXEIRA, 1997).

Segundo os autores acima citados, o estudo da motivação considera três tipos de variáveis: o ambiente; as forças internas ao indivíduo como: necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso e instintos; e o objeto que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza.

A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. Na motivação está também incluindo o ambiente que estimula o organismo e que oferece o objeto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluindo o objeto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.

Para ensinar não basta ter conhecimento de uma série de metodologias de ensino, optando por esta ou aquela, é preciso compreender o próprio aluno: as características de sua personalidade, a etapa de desenvolvimento motor, emocional, cognitivo e social, na qual ele se encontra bem como a maneira como aprende. Neste último caso, se quisermos entender as ações individuais ou coletivas de nossos alunos dentro do processo de aprendizagem, é de suma importância que nos lembremos do princípio psicológico, segundo o qual nenhum comportamento existe sem uma causa motivadora que o determine (AZZI E SADALLA, 2002).

Nessa perspectiva, convém ressaltar que a motivação é um componente da dimensão afetiva, que se defini como um conjunto de desejos ou de vontade que leva uma pessoa a cumprir uma tarefa ou a vislumbrar um objetivo que corresponda a uma necessidade.

Para Cramer e Castle, “O papel dos professores de desenvolver e manter atitudes positivas, bem como mudar as atitudes negativas de seus alunos com relação à alfabetização, é crucial nas escolas de hoje” (2001, p.221).

Segundo Abreu (2001) a atuação do professor que busca apoiar afetivamente seus alunos exige uma atitude de acolhimento, tanto nos aspectos estritamente didáticos quanto nos de relação interpessoal. Na verdade, estes são dois aspectos distintos: aparecem juntos na sala de aula e determina-se mutuamente. Este acolhimento requer do professor a utilização de

conhecimento do campo da didática, para propor e apoiar seus alunos nas situações de aprendizagem relativas às áreas de conhecimentos sobre mecanismos sociológicos, culturais e psicológicos, que estão envolvidos no “desejo de saber e na decisão de aprender” para subsidiar a reflexão sobre as representações pessoais que faz dos alunos e a forma como se relaciona com eles.

Tais reflexões decorrem da pedagogia diferenciada e da perspectiva de atuação educacional contextualizada, na qual é reconhecida a importância do envolvimento pessoal do professor em relação aos seus alunos e a própria tarefa de ensinar. Com isso, reconhecem-se as condições do dia a dia e a formação pessoal do professor, suas crenças, suas indignações, suas fragilidades, seus temores e seus valores. Todos sabem que cada professor desenvolve relações de maior ou menor empatia com certos alunos e que alguns mobilizam sentimentos diferentes no professor, verdades que não podem ser negadas. Segundo Abreu (2001) a escola coloca seus alunos em contato com o que não sabem e com o desafio de aprender. Se eles não tiverem autoconfiança bem estabelecida, se não experimentarem o sucesso e a tranquilidade para “ousar” e aprender, se não puderem contar com o acolhimento do professor, a escola poderá desencadear um estresse insuportável, digno de gerar recusa.

A motivação significa para os estudantes aquilo que recebem na aprendizagem como uma causa que é possível, que eles desejam realizar.

2.2 AFETIVIDADE E A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

A organização dos tempos e dos espaços da escola reflete a concepção pedagógica adotada pelo coletivo. Ela permite situar a escola em um espaço de trabalho mais rico, flexível e democrático, abrindo novas possibilidades pedagógicas e de interação, com o envolvimento de alunos, professores e da própria comunidade (MIRANDA, 2000).

Para a referida autora, é uma das maneiras de aproveitar ao máximo as possibilidades desse espaço repleto de significados e (re)significados, isto é, uma das maneiras de “viver” a sala de aula intensamente é transformar o discurso em práticas competentes, lúdicas e sensíveis.

Além disso, é absolutamente desejável que a sua construção cotidiana, como espaço que queremos, reflita a proposta político-pedagógica da escola, abarcando as dificuldades e sucessos dos alunos e professores, seus anseios e desafios.

O Ensino Fundamental de 1^a a 4^a série tem por objetivo proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, desenvolvendo uma educação integral que visa os aspectos sociais, intelectuais e afetivos.

Considerando a relevância da educação e afeto, Tisatto e Simadon afirmam:

O processo de construção de um relacionamento não acontece de forma mágica. A observância de alguns princípios norteadores são fundamentais nessa construção como, por exemplo, reconhecer que todas as pessoas são merecedoras da confiança, da amizade e do respeito dos autores (2002, p.42).

Respectivamente essa relação é estabelecida consigo mesma e com os outros, na tentativa de satisfazer as próprias necessidades, amadurecer e realizar-se.

Dantas refere-se à afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon escrevendo: “A dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento” (1992, p.85).

Já segundo Rossini (2001) a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal, e no complemento do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

Na concepção de Wallon (1962 apud DANTAS, 1992), a emoção constitui também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são bem conhecidos, a caracterização que apresenta a atividade emocional é complexa e paradoxal; ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza: realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo mediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais, trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela dá origem.

Cabe salientar que o trabalho em sala de aula não transcorre baseado apenas na cognição. Ocorre que, na realidade, há uma grande carga afetiva envolvida, podendo passar por agressão, busca de afeto ou aceitação.

Assim, na concepção de Oliveira (2000) tem grande relevância um olhar sobre a gestão em sala de aula. Conforme ela escreveu:

A sala de aula é um espaço em construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento. Desafiadora instigante, espaço de

desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos. Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e aluno é uma das questões desafiantes para nós educadores (p.61).

A metodologia de trabalho caracteriza, um reflexo de toda uma concepção de educação e de um conjunto de objetivos (mais ou menos explícitos). Uma metodologia na perspectiva dialética baseia-se numa concepção de homem e de conhecimento onde se entende o homem como um ser ativo e de relações.

A mobilização para o conhecimento na opinião de Vasconcellos (1995), é uma tarefa pedagógica, por sua especificidade, implica que num determinado espaço, um determinado grupo de sujeitos se debruce sobre um determinado objeto de conhecimento que o professor propõe e torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto do conhecimento (ação intencional).

Nessa linha de pensamento, a compreensão que se tem é que o professor deve se deixar sensibilizar pelas necessidades do aluno, bem como o aluno precisa se deixar sensibilizar pelas necessidades do professor. É preciso uma “temperatura afetiva”, uma espécie de catalisador do processo de construção do conhecimento. A criança só aprende dentro de um vínculo afetivo. O desenvolvimento é inaugurado pela afetividade e não pela inteligência; de forma análoga a metodologia dialética começa pela mobilização (VASCONCELLOS, 1995).

Os pressupostos descritos evidenciam a relevância da dimensão afetiva na construção do sujeito e na construção do conhecimento.

Na concepção de Wallon, “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivas da afetividade emocional (1962, apud DANTAS, 1992, p.65). Como se pode observar a afetividade deve ser constante nas relações professor/aluno.

Evidencia-se a presença continua da afetividade nas interações sociais, além de sua influência permanente nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. A afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos de conhecimento, bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Uma maneira de agir está intimamente relacionada à atuação anterior e determina, sobre maneira, o comportamento seguinte. Na verdade, é pela somatória das diversas formas de atuação, durante as atividades pedagógicas, que o professor vai qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento.

O que se diz, em que momento e por que afetam profundamente as relações professor/aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto.

Refere-se a verbalização que demonstram a influência do relacionamento na dinâmica de sala de aula. Comentários como: “a gente se sente mais a vontade para perguntar, não dá medo, dá mais segurança, tenho vontade de ficar perto da professora” demonstram a influência positiva do relacionamento com a professora, no processo ensino-aprendizagem.

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor/aluno, uma relação de pessoa por pessoa, o afeto está presente” (AZZI; SADALLA, 2002, p.107).

É importante destacar que a afetividade não se restringe apenas ao contato físico. Como salienta Dantas (1992), conforme a criança vai se desenvolvendo, as trocas afetivas vão ganhando complexidade. Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meio para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às dificuldades e problemas, são maneiras bastantes refinadas de comunicação.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar, através de vínculo afetivo, sendo que nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim conquistando avanços significativos no âmbito. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo que vai ampliando-se, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino-aprendizagem, na pré-escola e séries iniciais.

Segundo Vasconcellos “o professor, consciente de sua afetividade, deve estar atento para não entrar, por exemplo, no esquema de ‘agüentar’ demais, ser ‘paciente’ demais: não adianta; uma hora vai estourar, às vezes em cima de alguém que nem sabe o porquê” (1995, p.89).

O autor acima citado nos lembra que, a qualidade do professor que tem se evidenciado é a simpatia pelos alunos, ou seja, a sua disponibilidade afetiva, positiva.

O afeto é um elemento central de qualquer processo de aprendizagem. Não é possível aprender sem uma dimensão de risco, de passagem do desconhecido para o conhecido, de esforço pessoal de aventura. E tudo isso necessita de um suporte afetivo, de uma rede de afetos. Porém, a função da escola não é primordialmente afetiva. Mais do que uma “comunidade”, onde as pessoas se escolhem e a vida coletiva é baseada em afetos, a escola deve ser uma “sociedade”, isto é, um lugar onde se aprendem as regras da vida em comum, onde se trabalha com objetivos bem definidos, onde se procura que cada um vá o mais longe possível no seu desenvolvimento (NÓVOA, 2003).

Sendo assim, a escola tem a função expressa de ensinar conhecimentos e habilidades que as crianças necessitarão para que possam agir razoavelmente e de modo auto-suficiente como adultos na sociedade. A escola é um grande órgão socializado, sendo de extrema importância o papel do professor e dos colegas.

No processo ensino-aprendizagem o papel do professor é importantíssimo, ele é o mediador entre a escola e o meio no qual ela se encontra inserida a partir da prática permanente de algo fundamental para a instauração de uma educação emancipatória e democrática: o diálogo.

Pois a educação infantil exige mediação pedagógica na linguagem da criança de forma que ela entenda através de experiências lúdicas que favoreçam a assimilação gradativa dos princípios norteadores, pelo teatro, história, espaços criativos, brinquedos, a tensão e amorosidade.

Rossini (2001) observa que no dia a dia é que a afetividade serve de base para a construção do conhecimento racional.

Para ela, as crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam bom desenvolvimento intelectual. Portanto, aprender deve estar ligado ao ato afetivo de ser gostoso e prazeroso.

É importante lembrar que muitos problemas enfrentados em nossas escolas, entre eles a indisciplina, preveem de várias situações sócio-afetivas não resolvidas no decorrer dos anos e da debilitação que muitas crianças passam a ter, causando, muitas vezes, consequências irreversíveis na escola.

Não se pode esquecer que os seres humanos são seres emotivos e trazem consigo marcas profundas desde a gestação, que são ignoradas pelos, professores, em função do conteúdo que deve-se cumprir no tempo determinado.

Entende-se que oportunizar aos alunos momentos de relatos de sua vida, alegres ou tristes, são momentos ganhos em relação a aprendizagem.

Segundo Rebelatto (2001) a emoção se constitui, também, conduta com profundas raízes na vida orgânica: os componentes vegetativos dos estados emocionais são também conhecidos. Wallon nos diz: “A educação da emoção deve ser incluída entre os propósitos da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento” (1962, apud DANTAS, 1992, p.71).

Com a educação emocional criamos um vínculo afetivo muito grande: é quando acontece um comprometimento mútuo entre professor e aluno, respeitando a individualidade de cada um deles, enquanto pessoa.

As emoções fazem parte do cotidiano das nossas escolas. A todo instante vivenciamos uma experiência emocional que se manifesta de diversas maneiras, com suas características próprias. Um exemplo é bem claro: alguns choram de dor ou tristeza, outros de alegria.

Nóvoa, um renomado educador português, em abordagem sobre a formação integral, apresenta o seguinte pensamento: “Ninguém duvida da importância de formar a pessoa na sua incerteza. As recentes descobertas das neurociências reconfortam-nos na impossibilidade de separar a consciência, as emoções e o sentimento. Pensamos com o corpo e sentimos com a inteligência” (2003, p.63).

Analisando os diferentes enfoques sobre afetividade e a relação professor/aluno pode-se afirmar que o professor é responsável por criar um ambiente alegre que facilite a espontaneidade, a comunicação dialógica com experiências diversificadas e enriquecedoras para que as crianças possam fortalecer sua auto-estima e desenvolver sua capacidade.

O papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidade, de descobertas, através de uma espécie de facilitação aberta e inspirada, de estimulação do diálogo de ação conjunta e da co-construção do conhecimento pela criança. Uma vez que a descoberta intelectual é, supostamente, um processo essencialmente social, o professor auxilia o mesmo quando as crianças menores aprendem a ouvir os outros, a levar em consideração seus objetivos e ideias e a se comunicar com sucesso (EDWARDS, 1999).

É importante salientar que o professor não precisa e não deve ser um ditador de ordens, porém limites e controles da classe é de suma importância. Como refere Bassedas:

Quando a interação educativa ocorre dentro de uma estrutura flexível e, por sua vez, segura, não há dúvida de que o trabalho do professor reduz-se consideravelmente. Em outras palavras: ainda que, no começo seja bastante custoso estabelecer normas de funcionamento, certas pautas para todos se organizarem, logo

que isso seja assumido, a professora libera-se de uma parte considerável de seu trabalho, ao mesmo tempo que permite os pequenos ganharem uma autonomia de ação (1999, p.133).

É relevante evidenciar, que isso tem uma importância própria, uma vez que a interação educativa inclui a função de gestão e controle da aula, absolutamente necessário para alcançar as metas que dão sentido ao trabalho do ensino. A diversidade dos alunos, o seu auto-controle incipiente, a diversidade de propostas que precisam ser adaptadas às suas características e necessidades próprias e outros fatores podem dar aos professores a impressão de atordoamento, de uma tarefa que transborda pelas circunstâncias, ou seja, sentirem-se a ponto de perder o controle.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste artigo permitiu repensar a educação infantil e as séries iniciais sob a ótica psicopedagógica e a influência da afetividade no processo ensino-aprendizagem no contexto escola, família e sociedade.

O trabalho da psicopedagogia tem grande importância para o desenvolvimento de uma educação significativa, implica atividades que tenham relevância para o aluno e para o educador.

Pensando assim, o educador sempre deve utilizar estratégias aliadas à afetividade e motivação que provoquem o desenvolvimento intelectual e autonomia dos alunos.

O professor requer uma série de estratégias organizativas e metodológicas em sala de aula. Estratégias capazes de guiar sua intervenção pedagógica de modo que facilite o desenvolvimento do espírito crítico, da comunicação. De modo que, os conteúdos desenvolvidos propiciem às crianças construir seus conhecimentos, em interação com os demais membros da sala de aula, da sua própria realidade.

Conclui-se que a prática pedagógica deve realizar-se numa situação dialógica entre professor/aluno/família. A interferência do professor deve caracterizar-se pela sensibilidade, preparo técnico-científica, motivação, diálogo e ludicidade. As práticas pedagógicas devem permitir que a criança desenvolva amplamente o seu potencial criador, a sociabilidade, a afetividade, a imaginação e a espontaneidade.

Em síntese, acredita-se que a relação professor/aluno se dá através da afetividade e é de suma importância no processo educativo. As práticas pedagógicas devem ser planejadas,

refletidas, motivadas, tendo em vista o perfil do nosso aluno de hoje. Lembrando que um professor afetivo age com a emoção e ensina com a razão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa. Acolhimento: uma condição par aprendizagem. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano IV. n.15. nov.2000/jan., 2001.

AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. **A psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

CAVICCHIA, Durllei de Carvalho. Psicopedagogia na instituição educativa: a creche e a pré-escola. In: SISTO, Fermino Fernandes; et al. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE (orgs.). **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DANTAS, Heloysa; LA TAILLE, Ynes; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDEZ, A. A. **Inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MIRANDA, Glaura Vasques de. Um olhar sobre a organização do espaço e do tempo. In: _____. **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola**. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2000.

MONTEIRO, Lucia. **O papel do psicopedagogo**. Disponível em: <[HTTP://luciamonteiro.com.blog/index.php?archives/3-opapel-do-psicopedagogo.html](http://luciamonteiro.com.blog/index.php?archives/3-opapel-do-psicopedagogo.html)> Acesso em: 21 jun. 2009.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NÓVOA, Antonio. Os professores estão na mira de todos os discursos: são o alvo mais fácil a abater. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano VII. n.27. ag./out., 2003.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O que é brinquedo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, Zenaide Ferreira Fernandes. Um olhar sobre a gestão em sala de aula. In: _____. **Salto para o futuro: um olhar sobre a escola**. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2000.

REBELATTO, Leila Rúbia Zielke. Aprendizagem e emoção: laços de feto são fatores decisivos no desenvolvimento do aluno. **Revista do Professor**. Porto Alegre. Ano XVII. n.67. jul./set. 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

TISSATO, Maria Lúcia; SIMADON, Siloé Salette. Educação e afeto: importância das relações interpessoais na orientação pedagógica. **Revista do Professor**. Porto Alegre. v.18. n.69. jan./mar. 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Libertad, 1995.